



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 11, Issue, 12, pp. 52404-52407, December, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.23226.12.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

A INSERÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

*SANTOS, Heloisa dos

Graduada do Curso de Administração da Universidade Católica de Santos – SP

ARTICLE INFO

Article History:

Received 11th September, 2021

Received in revised form

16th October, 2021

Accepted 03rd November, 2021

Published online 25th December, 2021

Key Words:

Inserção feminina.

Mercado de trabalho. Mulheres.

*Corresponding author:

SANTOS, Heloisa dos

ABSTRACT

O objetivo desta pesquisa foi a de conhecer a história da inserção feminina no mercado e sua evolução, identificar as dificuldades e conquistas femininas durante o processo de inserção no mercado de trabalho e analisar as desigualdades e diferenças salariais por gênero. A pesquisa foi realizada com mulheres moradoras de Santos. Para a coleta de dados utilizou-se um questionário on-line com 7 perguntas fechadas. Constatou-se que a maioria das mulheres pesquisadas: i) já trabalharam em alguma empresa; ii) sofreram preconceito devido ao gênero quanto às atividades do dia a dia; iii) sofreram preconceito de gênero em processo seletivo para uma vaga de emprego; iv) ocuparam algum cargo e perceberam ganhar menos que um homem que exercia a mesma profissão ou parecida; v) trabalharam ou já trabalharam em uma empresa onde uma mulher ocupava um cargo médio ou alto; vi) foram dispensadas ou conheceram alguém que tenha sido durante período após a licença-maternidade; e vii) não conheceram casos de mulheres que precisaram se ausentar no período menstrual e depois foram ridicularizadas por colegas de trabalho.

Copyright © 2021, SANTOS, Heloisa dos. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: SANTOS, Heloisa dos. "A inserção da mulher no mercado de trabalho", *International Journal of Development Research*, 11, (12), 52404-52407.

INTRODUCTION

Há muitos anos a única função das mulheres era a de esposas, mães e donas de casa, enquanto os homens saíam para trabalhar. Mas, essa realidade mudou no momento em que as mulheres precisaram começar a prover o sustento para ajudar os seus maridos ou conquistar a sua independência financeira. A inserção da mulher no mercado de trabalho foi e continua sendo uma batalha contra preconceitos e discriminações. Os problemas mais enfrentados pelas mulheres são: remuneração inferior à dos homens, dividir/delegar as atividades de casa, entre outros. Deste modo, aos poucos, com muito sacrifício e força de vontade, as mulheres vêm conseguindo conquistar o seu espaço e buscando a igualdade entre os gêneros. Sendo assim, nossa problemática consiste em questionar por que após tantas conquistas ao longo dos anos a mulher continua sendo subestimada a receber um salário inferior ao do homem ou por que elas precisam dar mais provas de sua capacidade que os homens para ascender ao mesmo cargo no mercado de trabalho? Quais as formas de lidar com esses preconceitos? Qual importância da mulher no mercado de trabalho? O presente trabalho justifica-se por se tratar de um assunto atual. O mercado de trabalho hoje procura por pessoas que tentam atingir o padrão de perfeição no trabalho, que prestam atenção e fazem várias coisas ao mesmo tempo. E o perfil feminino se enquadra perfeitamente nesta descrição. O estudo tem como principal objetivo analisar a inserção da mulher no mercado de trabalho.

Especificamente, o objetivo do trabalho é conhecer a história da inserção feminina no mercado e sua evolução, identificar as dificuldades e conquistas femininas durante o processo de inserção neste mercado e analisar as desigualdades e diferenças salariais por gênero. O método adotado para o desenvolvimento do trabalho é o quantitativo. Este método permite mensurar estatisticamente as opiniões, preferências, informações de determinado grupo de pessoas a fim de realizar uma análise de dados (GOMES, 2013). A pesquisa utilizada neste trabalho é a bibliográfica. A pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2002, p. 44) "é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos". Além disso, ela oferece caminhos para solução dos problemas já explorados, permitindo indagar um tema sob uma nova perspectiva. O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário. O universo da pesquisa e a amostra foram formados por mulheres moradoras de Santos/SP e a técnica de amostragem foi a não probabilística de conveniência.

A Evolução da mulher no mercado de trabalho: De acordo com o artigo 113, inciso 1 da Constituição Federal, "todos são iguais perante a lei". Mas será que a realidade é essa mesma? Desde o século XVII, quando o movimento feminista começou a adquirir características de ação política, as mulheres vêm tentando realmente colocar em prática essa lei. Isso começou de fato com as I e II Guerras Mundiais (1914 – 1918 e 1939 – 1945, respectivamente), quando os homens iam para as frentes de batalha e as mulheres passavam a assumir os negócios da família e a posição dos homens no mercado de trabalho. (PROBST,

2003). Mas a guerra acabou. E com ela a vida de muitos homens que lutaram pelo país. Alguns dos que sobreviveram ao conflito foram mutilados e impossibilitados de voltar ao trabalho. Foi nesse momento que as mulheres sentiram-se na obrigação de deixar a casa e os filhos para levar adiante os projetos e o trabalho que eram realizados pelos seus maridos (PROBST, 2003). No século XIX, com a consolidação do sistema capitalista inúmeras mudanças ocorreram na produção e na organização do trabalho feminino. Com o desenvolvimento tecnológico e o intenso crescimento dos maquinários, boa parte da mão de obra feminina foi transferida para as fábricas. Desde então, algumas leis passaram a beneficiar as mulheres. Ficou estabelecido na Constituição que “sem distinção de sexo, a todo trabalho de igual valor correspondente salário igual; veda-se o trabalho feminino das 22 horas às 5 da manhã; é proibido o trabalho da mulher grávida durante o período de quatro semanas antes do parto e quatro semanas depois; é proibido despedir mulher grávida pelo simples fato da gravidez”. Mesmo com essa conquista, algumas formas de exploração perduraram durante muito tempo. Jornadas entre 14 e 18 horas e diferenças salariais acentuadas eram comuns. A justificativa desse ato estava centrada no fato de o homem trabalhar e sustentar a mulher. Desse modo, não havia necessidade de a mulher ganhar um salário equivalente ou superior ao do homem.

Dificuldades e Conquistas: Desde o início do processo de inserção da mulher no mercado de trabalho ela vem enfrentando preconceitos, discriminações e desafios. Devido a isso, muitas batalhas foram traçadas e as mulheres lutam até hoje por direitos iguais. Por esse motivo, apesar das inúmeras dificuldades, há também diversas vitórias e conquistas alcançadas por elas. Aos poucos, as mulheres foram conquistando seu espaço no mercado de trabalho, provando sua capacidade e competência de forma brilhante. A caminhada feminina se iniciou há muitos anos e, desde então, as mulheres vêm escrevendo suas histórias. Muito antes da era cristã, o trabalho feminino esteve voltado ao mundo doméstico. Na Idade Média, elas eram separadas por categorias: as solteiras deveriam lavar e tecer, as mães tinham que cuidar das crianças, as de meia idade cuidar da cozinha e adolescentes e, as camponesas, além das tarefas domésticas, deveriam ajudar seus maridos na agricultura. (MEDEIROS, 2006). Fica claro que essas discriminações são muito antigas, e as mulheres lutam para quebrar as barreiras existentes a mais tempo do que se pode imaginar. As mulheres, no início do século XX não votavam, dessa forma não exerciam cargos públicos e tão pouco outras atividades econômicas. Além disso, não tinham direito a propriedades, sendo obrigadas a transferir seus bens herdados ao marido, forçando sua dependência econômico-financeira. (D'URSO, 2009). Forçadas a seguir uma cultura imposta pelos homens, às mulheres sofriam absurdamente. Como se não bastassem, elas não podiam trabalhar, apenas exercer os afazeres domésticos, trabalharem na lavoura e a maternidade. A elas não era reconhecido o direito ao trabalho, tampouco a salários, estes, quando eram pagos, eram inferiores ao dos homens. (NASCIMENTO, 2008). Atualmente, persistem muitos preconceitos contra o sexo feminino, dificultando assim, a carreira profissional. Dessa forma, terão ainda que lutar muito por direitos iguais, principalmente no que diz respeito aos salários:

[...] a inserção da mulher no mundo do trabalho vem sendo acompanhada, ao longo desses anos, por elevado grau de discriminação, não só no que tange à qualidade das ocupações que têm sido criadas tanto no setor formal como no informal do mercado de trabalho, mas principalmente no que se refere à desigualdade salarial entre homens e mulheres. (PROBST, 2003, p.2)

Não há dúvidas que o maior desafio feminino seja a conquista pela igualdade salarial. Outro ato de discriminação pode ser verificado nos cargos ocupados pelas mulheres, ou seja, na maioria, cargos operacionais. É surpreendente, ao entrar em uma empresa e constatar que a maior parte dos colaboradores que lá trabalham, são mulheres. Porém, torna-se mais surpreendente, perceber que estas ocupam a menor parcela de cargos de chefia. Segundo um estudo realizado pela *Hudson Institute*, dos Estados Unidos, essa realidade está mudando.

Os especialistas afirmam que o sexo feminino prevalecerá na liderança nesse milênio. Se houver a conquista dessa singularidade, será o fim da estrutura hierárquica empresarial feita pelo homem a partir da Era Industrial. (PROBST, 2003). Além da diferença salarial e a dificuldade em ocupar cargos de liderança, fazer carreira é uma grande dificuldade feminina. Pesquisas de emprego e desemprego realizadas pelo IBGE revelaram que as mulheres são as primeiras a serem demitidas nos momentos de crise, além de terem mais dificuldade de recolocação. As mulheres negras possuem desvantagens ainda maiores, pois além da discriminação em relação ao sexo, são vítimas do racismo. (INSTITUTO ETHOS, 2004). No Brasil, a partir da segunda metade do século XIX até depois da Primeira Grande Guerra, a visão econômica e cultural se alterou, o que causou grande mudança no comportamento feminino. Com a industrialização e urbanização, a mulher passou a ter mais informações, ocupando maior espaço nas ruas, trabalhando e estudando. (MEDEIROS, 2006). Fala-se nos dias de hoje em globalização, tecnologia, entre outras inovações, porém, a cultura é extremamente significativa para a sociedade. A cultura humana impõe que os homens são os que mandam e as mulheres, as subordinadas. Sobretudo, está ocorrendo à inversão de papéis, onde, as mulheres conquistam maior destaque no mundo dos negócios e os homens assumem o cuidado no lar e na família:

[...] o século XX mostrou a chamada inversão de papéis, ou seja, as mulheres conquistando maior destaque no competitivo mundo dos negócios e os homens, por sua vez, assumindo a manutenção do lar e o cuidado com as crianças. (PROBST, 2003, p.7)

Trata-se de uma cultura muito antiga, que deverá ser mudada para quebrar todos os paradigmas que possam diferenciar os sexos. Como conta gotas, depois de muito tempo, finalmente, hoje pode se dizer que a mulher está conseguindo a igualdade tão desejada. São muitas as conquistas femininas. A permissão para uso de calças compridas, o direito não só de votar como de ser eleita para um governo são alguns exemplos que valem lembrar. Pode se dizer que a submissão ao homem cedeu espaço o lançamento de executivas, presidentes (do sexo feminino), governadoras, líderes, jornalistas, engenheiras, mestres e doutoras e até mesmo mecânicas, ou seja, conquistaram até mesmo atividades que antes eram ditas masculinas. (GABRIELLE, 2008). Os desafios e as conquistas femininas se multiplicam com o passar dos anos. E hoje, grande parte das mulheres é tratada com igualdade. Uma recente e grande conquista feminina se deu no ano de 2008, quando foi sancionada a lei que amplia a licença-maternidade de quatro para seis meses, sendo a concessão dos últimos 60 dias opcional para a empresa. Essa proteção à maternidade retrata a preservação de um direito social. (D'URSO, 2009). Infelizmente, para a maioria das empresas, a maternidade ou a licença-maternidade, é vista com os mesmos olhos. A licença-maternidade, na maioria das vezes causa um certo mal-estar nas empresas. Quanto maior for o cargo e a responsabilidade da mulher em questão, maior o transtorno na empresa. O empregador muitas vezes investiu na profissional e deseja que ela volte da licença com o mesmo empenho de antes. Por medo, algumas mulheres aceitam abrir mão dos meses que tem direito a licença, retornando antes ao trabalho (MEDEIROS, 2006).

A conquista do aumento de tempo da licença-maternidade foi algo de muita importância para a mulher. Para que esta volte ao emprego mais motivada bastará estar feliz com a situação. E, o maior motivo de felicidade nesse momento será seu filho. A extensão da licença-maternidade, de quatro para seis meses, permite que a relação mãe-bebê possa se consolidar e oferecer uma maior garantia de que tudo estará bem e tranquilo no momento de a mãe voltar ao trabalho. Para retomar a vida normal sem traumas, trabalhando, cuidando do filho e vivendo uma vida em família, a mulher não precisa buscar a perfeição para o cuidado do filho, mas deve ter a certeza que está fazendo o seu melhor e não pode estar incondicionalmente 24 horas por dia ao lado dele. (ZANONI, 2009). A volta ao trabalho será também de grande importância para a mulher após os seis meses longe de sua vida profissional. Quando terminar a licença-maternidade e a mulher voltar ao trabalho, esta irá resgatar sua autoestima, aprenderá a se

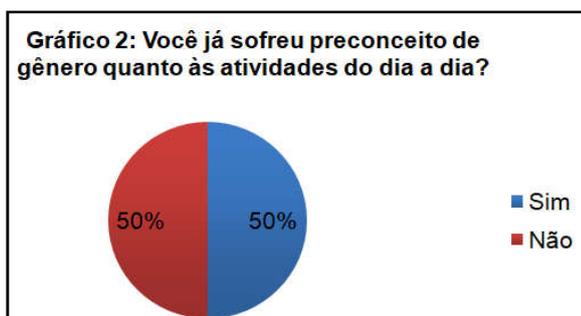
reorganizar e a retomar a rotina. Além disso, passará a priorizar o tempo que tem livre, oferecendo qualidade na sua relação com o filho. (ZANONI, 2009). Alguns autores lembram, não só o lado positivo dessas conquistas, mas também o lado negativo. Apesar de ter ganhado muito, a mulher também perdeu de forma significativa, algumas de suas características. Adquiriram direitos praticamente iguais ao dos homens, porém perderam a sensualidade, a feminilidade e a sensibilidade, deixando-as mais duras e menos responsáveis consigo, com os filhos e com os maridos. Hoje as mulheres querem agir como homens, adquiriram hábitos masculinos, como por exemplo: fumar, beber, embriagar, usar drogas, tatuagens, falar palavrões. O sexo para elas se tornou algo banal e rotineiro, podendo ser feito mesmo fora do relacionamento conjugal. Envolvimento emocional é um termo proibido para elas. Além disso, com suas atitudes, estão deixando muitos homens relaxados e preguiçosos, alguns até efeminados, já que em muitas famílias são atribuídas, aos homens, as tarefas domésticas e as mulheres vão trabalhar (NASCIMENTO, 2008). Outro lado negativo é que, acompanhado de o crescimento de sua participação no mercado e consecutivamente suas conquistas, também cresceu a questão de maus tratos contra as mulheres. Embora hoje as mulheres dirijam caminhões gigantescos, pilotem aviões, conduzam trens e ônibus, ensinem, mediquem e muitas vezes cuidem de seus filhos sem a ajuda dos pais, sirvam de companheiras, é respeitada fora de casa, ela é humilhada dentro dela, e muitas vezes não se dá conta de que sofre calada sem ter a quem recorrer. Muitas sociedades confundem submissão com sujeição e por isso oprimem cada vez as mulheres, como por exemplo, muitos homens que não sabem aceitar o valor da mulher nesta nova etapa. Além do mais, não é porque elas estão lutando por seu espaço que não precisam de amor e carinho, se elas foram em busca desta conquista foi para poder oferecer o melhor para aqueles que estão a sua volta (FERNANDES, 2008).

Análise e Interpretação dos Dados: A partir dos resultados obtidos através de um questionário disponibilizado on-line foi possível identificar as dificuldades, preconceitos, desigualdades e diferenças salariais por gênero. As respostas foram expostas em forma de gráficos a fim de apresentar uma análise.



Fonte: Desenvolvido pela autora, 2020.

Os resultados apresentados no Gráfico 1 demonstraram que 100% das entrevistas já trabalharam em alguma empresa. Ao responderem sobre ter sofrido preconceito devido ao gênero quanto às atividades do dia a dia, houve empate. 50% responderam que já sofreram preconceito devido ao gênero quanto às atividades do dia a dia e 50% responderam que não.

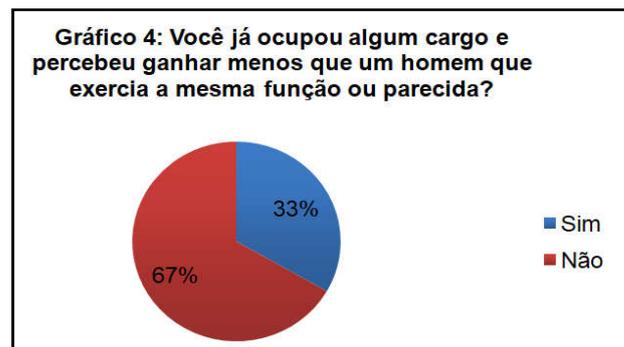


Fonte: Desenvolvido pela autora, 2020.



Fonte: Desenvolvido pela autora, 2020.

Já com relação por ter sofrido preconceito de gênero em processo seletivo para uma vaga de emprego, observa-se no gráfico 3 que 67% responderam que sim contra 33% que responderam não.



Fonte: Desenvolvido pela autora, 2017.

Fazendo a análise do gráfico 4 pode-se perceber que 67% ocuparam algum cargo e perceberam ganhar menos que um homem que exercia a mesma profissão ou parecida. E 33% responderam que não.



Fonte: Desenvolvido pela autora, 2017.

De acordo com o gráfico 5 observou-se que 100% das entrevistadas responderam que trabalharam ou já trabalharam em uma empresa onde uma mulher ocupava um cargo médio ou alto. Quando perguntadas sobre terem sido dispensadas ou terem conhecido alguém que tenha sido durante período após a licença-maternidade, 83% delas responderam que sim e 17% responderam que não.



Fonte: Desenvolvido pela autora, 2017.

Gráfico 7: Você conhece casos de mulheres em que precisaram se ausentar no período menstrual, mas foram ridicularizadas por colegas de trabalho?



Fonte: Desenvolvido pela autora, 2017.

Por último foram questionadas sobre se conheceram casos de mulheres que precisaram se ausentar no período menstrual e depois foram ridicularizadas por colegas de trabalho. E 33% das respondentes, informaram que foram ridicularizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluiu-se a partir do estudo, levando-se em considerações dados estatísticos e conclusões teóricas, que se trata de uma mudança bastante lenta e que se estende por gerações, porém é uma evolução progressiva e promissora. As mulheres e suas necessidades foram se transformando ao longo das últimas décadas dando lugar a novas escolhas e novas conquistas femininas, e junto com essas mudanças vieram o preconceito e a discriminação do sexo oposto. Mudar a cultura de que os afazeres domésticos e os cuidados com os filhos não são obrigações exclusivamente femininas leva tempo, pois gera resistência quanto a mudanças das posturas masculinas. O machismo ainda está implícito em muitas culturas mundiais e o Brasil faz parte desse cenário. Dados estatísticos retirados do IBGE e apresentados no artigo em questão mostram que em 1980 as mulheres ganhavam 46,91% a menos que os homens estando nas mesmas funções trabalhistas e vínculos empregatícios e que essa diferença hoje está em menos de 30% sob o valor que eles recebem. O que torna ainda mais evidente o preconceito diante desse cenário são outros dados estatísticos desta vez ao que diz respeito ao nível de escolaridade fundamental e superior que são respectivamente 0,4% e 4,9% proporcionalmente mais elevados que os níveis masculinos. Ainda de acordo com os dados do IBGE, essa discriminação ocorre em todas as regiões do país onde é unânime as taxas de desemprego da população feminina, comparadas à masculina, mesmo diante dos atributos de maior flexibilidade e melhor preparo intelectual. Segundo Bila Sorj, que é professora de Sociologia da UFRJ, “as mulheres investem mais na própria educação como um esforço para fazer o seu tempo trabalhado resultar em uma renda maior, já que tendem a ter que gastar mais horas em tarefas não remuneradas, como cuidar dos filhos ou planejar a alimentação”. Para ela o que foi mencionado anteriormente e evidenciado através dos dados do IBGE, de que o público feminino ganha menos que o masculino estando bem mais preparada profissionalmente e também o fato da taxa de desemprego feminino ser superior a masculina, deve-se ao do estilo de vida e cultura do país. O fato de terem se tornado mães, as chances das mulheres conseguirem outro emprego são menores do que as dos homens, pois necessitam de horários mais flexíveis e se submeter a jornadas duplas acarretando redução no seu rendimento profissional. Sabendo dessa condição feminina, segundo ela, as empresas oferecem salários menores e menos aumentos que os homens ao longo da carreira.

REFERÊNCIAS

- GIL, Antônio Carlos, 1946 - Como elaborar projetos de pesquisa/ Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo Atlas, 2002.
Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2015/05/08/guerra-destruiu-figura-do-homem-heroi-e-consagrou-mulher-no-trabalho.htm>>. Acesso em: 01 de outubro de 2020.
- Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/defaulttab_hist.shtm>. Acesso em: 01 de outubro de 2020.
- Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del5452compilado.htm>. Acesso em: 01 de outubro de 2020.
- D'URSO, Luiz Flávio Borges. Dia da mulher: conquistas e desafios. Disponível em: <<http://www2.oabsp.org.br/asp/jornal/materias.asp?edicao=131&pagina=3770&tds=7&sub=0&sub2=0&pgNovo=67>>. Acesso em: 01 de outubro de 2020.
- GABRIELLE, Juliana. Conquistas e desafios da mulher no mercado de trabalho. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/negocios/conquistas-e-desafios-da-mulher-no-mercado-de-trabalho/21894/>>. Acesso em: 01 de outubro de 2020.
- GOMES, Isabela Motta. Como elaborar uma pesquisa de mercado/ Isabela Motta Gomes. 1ª edição 2005 e 2ª edição 2007. Rediagramação e reimpressão pelo SEBRAE MINAS em 2013. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/mlaura/files/2014/04/Com-o-elaborar-uma-pesquisa-de-mercado.pdf>>. Acesso em: 01 de outubro de 2017.
- FÁBIO, André Caebete. No ritmo atual, fim da desigualdade entre homens e mulheres demoraria 240 anos. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/asmais/2015/08/1675183-no-ritmo-atual-fim-da-desigualdade-entre-homens-e-mulheres-demoraria-240-anos.shtml>>. Acesso em: 01 de outubro de 2020.
- FERNANDES, Alice. O lado positivo e negativo de uma conquista. Disponível em: <http://www.dm.com.br/materias/show/t/o_lado_positivo_e_negativo_de_uma_conquista>. Acesso em: 01 de outubro de 2020.
- MEDEIROS, Ivany Yara de. Amamentação em mulheres que trabalham: o não trabalho no trabalho. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6135/tde-05052008-195957/pt-br.php>>. Acesso em: 01 de outubro de 2020.
- NASCIMENTO, João. As conquistas das mulheres. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/cotidiano-artigos/as-conquistas-das-mulheres-386778.html>>. Acesso em: 01 de outubro de 2020.
- O compromisso das empresas com a valorização da mulher. — São Paulo: Instituto Ethos, 2004. Disponível em: <<https://www3.ethos.org.br/wp-content/uploads/2012/12/14.pdf>>. Acesso em: 01 de outubro de 2020.
- PROBST, Elisiana Renata. A evolução da mulher no mercado de trabalho. Disponível em: <<http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf>>. Acesso em: 01 de outubro de 2020.
- Questionário on-line. Disponível em: <<https://pt.surveymonkey.com/results/SM-JFPBSPD8/>>. Acesso em: 24 de outubro de 2020.
- ZANONI, Alberto. Mães com dificuldade de se separar do bebê após licença-maternidade precisam de cuidados. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/vidafeminina/19,0,2530288,Maes-com-dificuldadede-se-separar-do-bebe-apos-licenca-maternidade-precisam-de-cuidados.html>>. Acesso em: 01 de outubro de 2020.
